

---

## Notas sobre leitura<sup>1</sup>

Manuella Vieira Reale<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente texto pretende apresentar algumas reflexões acerca da experiência da leitura, na perspectiva do leitor. Será feita a articulação dos escritos de Roger Chartier e Michel de Certeau com outros autores, como Jean Marie Goulemot, Néstor García Canclini e Italo Calvino.

**PALAVRAS-CHAVE:** prática de leitura; leitor; livro.

### Notas introdutórias

A experiência da leitura é como uma história sem fim, com mil e uma facetas e novas formas de existência. Cada palavra lida nunca é a mesma, sempre é uma experiência singular. Cabe a nós começar com a percepção de Michel de Certeau sobre o ato de ler:

Leio e me ponho a pensar... Minha leitura seria então a minha impertinente ausência. Seria a leitura um exercício de ubiquidade?" Experiência inicial, até iniciática: ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; " é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática e àquela luz implacável que, em Genet, materializa o inferno da alienação social. (CERTEAU, 1998, p. 270).

A leitura como ausência, o estar em outro lugar, ou mesmo em um não-lugar. É uma metáfora geográfica de ausência, ou mesmo de onipresença. A leitura faz o leitor estar em vários lugares ao mesmo tempo. Certeau afirma que o lugar do leitor não é aqui ou lá, um ou outro, mas é uma presença simultânea. O leitor desperta textos adormecidos, os habita, mas nunca os possui.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XXII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Mestre em Comunicação e Semiótica. E-mail: [manureale@gmail.com](mailto:manureale@gmail.com)

---

Certeau também desenha a leitura como uma cena secreta, uma janela para outro mundo que só o leitor atravessa. Ele percebe a leitura como criação de cantos, de atmosferas, de outras vidas. O autor se mantém relevante ainda hoje, mesmo em um contexto um tanto distinto da época em que foi escrito.

Roger Chartier e Daniel Roche escreveram um marcante capítulo para uma nova história do livro. O texto de 1974 “O livro: uma mudança de perspectiva” multiplicou os estudos sobre editoração e história do livro. Nesta pesquisa, o livro é encarado como “mercadoria produzida para o comércio e para o lucro; e como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto” (CHARTIER e ROCHE, 1995, p. 99).

Os autores paragonam a história do livro com a história da própria sociedade:

Querer apreender as mentalidades de um grupo social através de suas leituras é, no final, um projeto ambicioso que somente pode tornar plenamente válido um nítido conhecimento dos limites de difusão. (...) A sociologia do livro, por um ardil da história, tira proveito ainda do privilégio (CHARTIER e ROCHE, 1995, p. 109).

O livro carrega o sentido da cultura da época, ele dá a ver a circulação cultural de certo período. E muitos livros carregam sentidos por vários períodos históricos e multiplicam suas significações. Os autores explicam que nessa nova perspectiva da história do livro não há hierarquia ou exclusão de obras. Eles consideram a bibliografia material uma nova maneira de estudar o livro como um *corpus* de traços físicos. Para os autores, estudar as práticas de leitura requer tanto o levantamento dos usos do livro quanto a sondagem econômica e política de seu contexto.

No decorrer dos séculos, manifestaram-se diferentes formas de leitura. Elas diferem pelas formas pública ou privada, coletiva ou individual, superficial ou aprofundada. E também pela posição em que o corpo está: sentado, em pé, deitado, andando. Visto que “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos” (CHARTIER, 1998, p. 13).

Retornando ao que Certeau percebeu sobre o espaço que o leitor ocupa, um espaço entre, nem aqui, nem lá. O corpo inteiro se retira e se compromete apenas pela mobilidade dos olhos.

A leitura se liberta do solo que a determinava. Afasta-se dele. A autonomia do olho suspende as cumplicidades do corpo com o

---

texto; ela o desvincula do lugar escrito; faz do escrito um objeto e aumenta as possibilidades que o sujeito tem de circular (CERTEAU, 1998, p. 272).

Chartier (1998, p. 78) afirma que o lugar da leitura era distanciado dos lugares de um divertimento mais mundano nos quais era possível jogar, beber e conversar. Após o século XVIII, a história das práticas de leitura também é sobre a liberdade de ler. O autor analisa que, a partir desse período, as imagens que representam o leitor na natureza começam a ter outros tons. O indivíduo lê andando, lê na cama. Antes disso os leitores eram representados sentados e imóveis nos interiores de gabinetes, isolados em seu íntimo. Já o leitor do século XVIII permite-se a comportamentos mais livres.

### **Anotações sobre as transformações da leitura**

Cavallo e Chartier (1997) propõem uma história da leitura que passa por diversas mudanças através do tempo. A leitura em voz alta era predominante nas comunidades pré-cristãs. Essa leitura oralizada era motivada pela forma de escrita da época: *scriptio continua*. “O leitor encontra à primeira vista fileiras de símbolos fonéticos discretos que precisam ser manipulados dentro da mente para formar entidades adequadamente articuladas e acentuadas equivalentes às palavras” (SAENGER, 1997, p. 4).

Com as primeiras comunidades cristãs, nos séculos II a IV, há o surgimento do códex e uma leitura mais livre em seus movimentos. O livro era lido para se aproximar do divino. A leitura repetida chegava até ser possível a memorização dos livros.

O próprio codex, com suas páginas que seccionavam o texto, facilitando suas releituras e confrontos, convidava a uma leitura meditada; a vida comunitária dos círculos religiosos em que muitas vezes se realizava o ato de leitura obrigava a falar em voz baixa. (CAVALLO e CHARTIER, 1997, p. 21)

Até a metade do século XVIII, as sociedades europeias realizavam um tipo de leitura situada em uma rede de práticas culturais: a leitura em voz alta que reúne pessoas durante os momentos familiares ou celebrações religiosas, em audição compartilhada. Nesse contexto o texto era memorizado, mais reconhecido do que lido. Os leitores tinham contato com poucos e a leitura era rara. Sua prática demandava respeito e reverência, visto que era sacra.

---

O leitor era o próprio ator, fazia da própria voz o corpo do texto. Tal maneira de ler assegurava a eficácia do texto em guiar pensamentos e condutas, pois o processo de apropriação se dava de maneira atenta, calma e repetitiva.

Com o passar dos séculos a leitura foi adquirindo um novo aspecto. Passou da leitura em voz alta para a leitura em silêncio. A partir da primeira metade do século XVIII, o mercado editorial consolidado aumenta a produção e o acesso a livros. Não era mais necessário realizar um investimento alto para possuir um livro.

Chartier desenvolve que, nesse contexto, surge um outro tipo de leitura com a aquisição de uma maior quantidade de obras e passagem de um texto para outro sem indício de sacralidade. Tal processo era afastado da família ou da igreja. Como o livro não era mais raro, o apreço pelo objeto caiu e seu destino muitas vezes era o abandono ou descarte. A leitura era realizada na intimidade, de maneira individual e silenciosa, até mais superficial e rápida. Esta nova forma de leitura foi gênese para a constituição da esfera privada. “O texto não impõe mais o seu ritmo ao assunto, não se manifesta mais pela voz do leitor. Esse recuo do corpo, condição de sua autonomia, é um distanciar-se do texto. É para o leitor o seu *habeas corpus*” (CERTEAU, 1998, p. 271).

Passa-se da leitura *intensiva* para a leitura *extensiva*. De uma leitura comunitária e respeitosa, feita de reverência e de obediência para uma leitura livre, desvolta, irreverente. O leitor "intensivo" era confrontado a um corpus limitado e fechado de livros, lidos e relidos, memorizados e recitados, compreendidos e decorados, transmitidos de geração a geração. Os textos religiosos, e em primeiro lugar a Bíblia em terra reformada, eram os objetos privilegiados dessa leitura marcada pela sacralidade e pela autoridade. Já o leitor "extensivo" [...] é um leitor completamente diferente: consome impressos numerosos, diferentes, efêmeros; ele os lê com rapidez e avidez; submete-os a um olhar crítico que não subtrai mais nenhum domínio à dúvida metódica. (CAVALLO e CHARTIER, 1997, p. 28)

### **Anotações sobre leitores possíveis**

#### LEITORES

— de papiros, de sermões nos templos, de poesia em público, de discursos políticos escritos por terceiros, de periódicos lidos em voz alta para os trabalhadores nas fábricas de cigarros;

— de livros, revistas, anedotas, quadrinhos, legendas de filmes, grafites, cartazes publicitários, anúncios luminosos, cartas

---

enviadas pelo correio normal, bulas de remédio, manuais de aparelhos elétricos;  
— de informações na internet, blogs, e-mails, faxes, microfilmes, mensagens no celular (CANCLINI, 2008, p. 56).

Canclini (2016) comenta que as pesquisas que realiza sobre leitores no século XXI são menos sobre quanto se lê e mais sobre como acontece a compreensão leitora. Ou seja, não é sobre memorizar conhecimentos, mas sim em ter a capacidade de localizar, selecionar ou interpretar a informação. Seja em uma comunidade presencial ou virtual, para exercer a cidadania ou mobilizar outros é necessário ter competências leitoras.

Michèle Petit (2013) comenta sobre a pesquisa que realizou com leitores no meio rural. A pesquisadora aplicou entrevistas com leitores de diferentes idades e condições sociais. Uma das conclusões da pesquisa foi observar que a leitura para aquele grupo tinha dois aspectos distintos: um *útil* e outro *verdadeiro*. O primeiro consiste em uma leitura praticada durante o dia. Esse era o momento em que os leitores liam para o estudo, para a descoberta de informações úteis para a sua prática diária. “O livro era o depositário do saber, e a leitura, uma modalidade da instrução” (PETIT, 2013, p. 103).

A noite dava espaço para a segunda maneira de ler. Ela ia de encontro com as regras sociais do meio rural que valorizavam o esforço e a utilidade. Uma leitura discreta, contida, íntima. Alguns leitores chamavam até de “verdadeira” leitura, sobre a qual não falava no meio social. Os textos os transportavam para longe, eram relatos de viagem, romances, ficções, policiais ou aventuras.

Goulemot (2011) considera que ler não é encontrar o sentido desejado pelo autor. Pois isso indicaria que o prazer do texto seria o resultado do encontro do sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de acordo cultural. O autor afirma que ler é constituir e não reconstituir um sentido.

Antes mesmo de definir gênero, edição, materialidade do livro, entende-se que a leitura requer atribuição de sentido, tanto ao texto quanto ao mundo. Livro e leitor, assim, são afetados pelo seu encontro. O leitor tem seu conhecimento e sua identidade transformados, ao mesmo tempo que o livro ressignifica-se como objeto estético.

Assim como a biblioteca trabalha o texto oferecido, o texto lido trabalha em compensação a própria biblioteca. A cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca. O autor conclui que ler, é fazer-se ler e dar-se a ler. É permitir uma emergência daquilo que está escondido.

---

Certeau afirma que o livro é um sistema de signos, uma reserva de formas que espera do leitor o seu sentido:

Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças aos leitores; muda com eles, ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação com a exterioridade do leitor, por um jogo de implicações e de astúcias entre duas expectativas combinadas: aquela que organiza um espaço legível (uma literalidade) e aquela que organiza uma démarche necessária para a efetuação da obra (uma leitura) (CERTEAU, 1998, p. 266).

O autor comenta sobre o jogo de implicações de astúcias jogado por vários sujeitos e com resultados diferentes a cada partida. Onde e quando o leitor lê faz completa diferença na sua configuração com a obra.

Aqui lembramos o célebre livro de Italo Calvino *Se numa noite de inverno um viajante*. O autor convoca claramente a presença do leitor na história, tornando-o protagonista da própria já nas primeiras linhas:

Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se numa noite de inverno um viajante*. Relaxe. Concentre-se. Tire da cabeça qualquer outra ideia. Deixe que o mundo que o rodeia se esfume no indistinto. Melhor fechar a porta; do lado de lá, a televisão está sempre ligada (CALVINO, 2002, p. 8).

A narrativa inicia com o narrador tratando o leitor por “Você”. Ou melhor, a primeira palavra do livro é “você”, o que carrega uma significação forte acerca da interpelação do protagonismo da pessoa que lê (que está lendo) e também do Leitor (protagonista da narrativa). A metanarrativa inicia no momento de compra e de decisão em ler um livro.

O livro de Calvino conta com dez romances de diferentes gêneros, porém inacabados. Fica a cargo do Leitor ir atrás da sua própria história. Trata-se do papel ativo do leitor na realização da obra. “Espero que meus leitores leiam em meus livros algo que eu não sabia, mas só posso esperar isso daqueles que esperam ler algo que eles não sabiam” (Ibid., p. 187). O livro age sobre o leitor em igual medida que o leitor age sobre o livro. Assim retomamos Certeau: o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam.

Ao ler Certeau, Roger Chartier nota que o autor, o editor, ou mesmo os críticos não são os responsáveis por atribuir sentido ao texto integralmente. “A leitura é sempre

---

apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1998, p. 77). O leitor, por sua vez, tem a liberdade para deslocar e subverter o que o livro pretende impor.

Sobre essa apropriação, Chartier acrescenta que:

de um lado, a apropriação designa a "efetuação", a "atualização" das possibilidades semânticas do texto; de outro, ela situa a interpretação do texto como a mediação através da qual o leitor pode operar a compreensão de si e a construção da "realidade" (CHARTIER, 1999, p. 123).

O autor explica que o texto só acontece quando há um leitor para produzir seu significado. O hábito de ler está diretamente fincado à cultura e ao tempo histórico, portanto difere em cada grupo social. A leitura é uma prática cultural socialmente construída, sendo assim, o sentido só se dá em determinado tempo e lugar.

Um texto e a sua significação não existem descolados do tempo e do espaço. A prática da leitura é um acontecimento singular entre leitor – texto – lugar. Não há livro sem leitor e não há leitura sem lugar. O avanço de cada letra, linha e frase ocorre imerso em um lugar, e esse lugar também produz impressões sobre quem lê.

Chartier (1994) afirma que as obras não têm sentido estático, universal, fixo. Pelo contrário, seus sentidos são plurais e móveis. Sua significação vai de acordo com as competências dos diferentes leitores que a encontram. Ele indica que os autores e os especialistas tentam fixar um sentido e uma interpretação correta. Contudo, os leitores deslocam, distorcem e inventam sentidos nem sempre previstos por aqueles. O leitor, portanto, tem autonomia para inventar e deixar suas impressões. O leitor tem sua liberdade, mas esta nunca é absoluta. O próprio texto impõe suas fronteiras. De igual importância é a diferenciação da leitura de acordo com seu suporte. São geradas diferentes relações quando um leitor interage com um livro de bolso, um livro digital, um papiro.

Grafton comenta que “uma vez nas mãos do proprietário, mesmo um livro muitas vezes impresso se transformava em algo tão rico, estranho e valioso como qualquer manuscrito.” (GRAFTON, 1999, p. 23).

Em um texto sobre o papel singular dos leitores durante os primeiros anos da Reforma Protestante, Gilmont articula que a leitura pode causar uma propagação que ultrapassa o leitor.

Ainda que o escrito se apresente como uma sucessão de palavras, de linhas e de páginas a serem percorridas linearmente, do início ao fim, nem por isso o leitor fica menos livre para descobrir esse



---

espaço a seu critério. Melhor ainda, ele não fica passivo diante do texto, do qual não aceita necessariamente os valores e as ideias (GILMONT, 1999, p. 66).

Mesmo que ela seja feita de maneira individual, ela pode se tornar agente propagador das ideias descobertas no livro. O autor admite que a assimilação da obra é uma questão de escolha pessoal e da capacidade de reestruturação do conteúdo escrito.

### Considerações finais

Praticamente nos segundos finais do livro de Italo Calvino, no penúltimo capítulo, o Leitor encontra na biblioteca o arremate de sua história. Ao aguardar a busca dos livros solicitados, ele se depara com outros oito leitores ímpares. Vale comentar esses tipos de leitores apresentados na obra.

O primeiro é um *viajante* por natureza, ao começar a ler as primeiras linhas de um livro o seu pensamento já sai pela tangente. Sua imaginação faz ele afastar-se do livro até perdê-lo de vista. O segundo já é seu diametral oposto, um verdadeiro *detalhista*. Ele aprofunda-se em cada pormenor, decifra cada metáfora, resolve cada mistério. Ele relê seus livros em busca de novas interpretações e descobertas.

O terceiro leitor é um *saudosista* que tenta reviver a emoção da leitura outrora realizada. E ele sempre chega a impressões e sentimentos novos durante a leitura. Para ele, a leitura é relacionada ao prazer e ao sentimento, não utilitária, pois quanto mais adentra no texto, mais tem dificuldade para ter um olhar crítico.

O quarto é um *coleccionador*, transformando cada título lido em uma peça de um grande livro formado pela soma de suas leituras. Ele relaciona cada livro individual em uma biblioteca vivida. O quinto podemos identificar como um *ancião* que faz remeter todas as suas leituras a um livro situado num passado que, com esforço, tenta rememorar. Entre esses dois últimos leitores há um grande hiato: o tempo. Apesar de ambos direcionarem suas leituras para um grande livro, o primeiro constrói um livro sem fim, enquanto que o segundo tenta remontar um livro disperso no passado.

Já o sexto leitor é um *apriorista* que encontra satisfação na própria promessa da leitura. Basta o título ou as primeiras palavras para que ele crie altas expectativas. Ele chega a desejar um livro que talvez nem exista. Em contraponto ao primeiro e ao sexto leitor, o sétimo seria um *finalizador*. Sua leitura só ganha sentido ao chegar ao final, pois é na conclusão que ele busca significados para além da experiência linguística. Por fim, o Leitor é o oitavo e último “tipo” descrito, para ele:



agrada ler nos livros só o que está escrito e ligar os detalhes ao conjunto; considerar definitivas certas leituras; não misturar um livro com outro; separar cada um por aquilo que possui de diferente e de novo; mas o que mais gosto mesmo é de ler um livro do princípio ao fim (CALVINO, 2002, p. 259).

A descrição traz uma certa ironia à narrativa, considerando que o Leitor não conseguiu concluir nenhum dos livros que começou a ler. Para o Leitor, o gosto se realiza ao ler a obra completa e conseguir ligar os pontos. Ao apropriar-se da leitura, o leitor transforma o livro em objeto estético, desenvolvendo um gosto.

Goulemot (2011) ressalta a existência de uma diferença entre leitores no que diz respeito à apreensão/apropriação. Para o autor, ler é fazer emergir a biblioteca vivida, ou seja, o ato da leitura difere de acordo com a memória de leituras anteriores e dados culturais do indivíduo. O saber prévio permite uma posição valorizada de escuta. Quanto mais se sabe sobre o gênero do livro, o lugar da edição, as críticas já feitas, mais adensada é a recepção do mesmo. Certeau faz rígida crítica sobre a quem é dada a “liberdade de leitura”:

Aliás, se a manifestação das liberdades do leitor através do texto é tolerada entre funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atrever a fazê-lo), ela é ao contrário proibida aos alunos (simplesmente ou habilmente reduzidos à escuderia do sentido "recebido" pelos mestres) ou ao público (cuidadosamente advertido sobre "o que se deve pensar e cujas invenções são consideradas desprezíveis, e assim reduzidas ao silêncio") (CERTEAU, 1998, p. 267).

O estudioso conclui, sem embargo, indicando que a autonomia do leitor exige uma transformação das relações sociais que demarcam os sentidos do texto. Certeau declara que “uma política da leitura deve portanto articular-se a partir de uma análise que, descrevendo práticas há muito tempo efetivas, as torne politizáveis” (CERTEAU, 1998, p. 270).

Já se sabe que o leitor não é passivo, muito menos um receptáculo destinado a decodificar informações. Não em igual forma que o autor, mas o livro também é resultado da construção do leitor. Um não toma lugar do outro, não são equivalentes, pois ao leitor é permitido criar algo para além do sentido proposto. Ele retira a obra de sua origem e

---

realiza percepções distintas, cria algo imprevisito por meio de seu olhar capaz de enxergar uma abundância de sentidos.

### Referências bibliográficas

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

\_\_\_\_\_. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental 1**. Ática, 1997.

\_\_\_\_\_. **História da leitura no mundo ocidental**, vol. II. São Paulo: Ática, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. O Livro – Uma mudança de perspectiva *In*: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre. **História – Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 4ª edição, 1995.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores “populares” da Renascença ao período clássico *In*: CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guclielmo. **História da leitura no mundo ocidental**, vol. II. São Paulo: Ática, 1999, p. 117-134.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. Do códex à tela. *In*: **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 77-105.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura *In*: CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guclielmo. 1999. **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. II. São Paulo: Ática. p. 47-78.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. *In*: CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. 5ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 107-116.

---

GRAFTON, Anthony. O leitor humanista *In*: CHARTIER, Roger e CAVALLO, Guclielmo. 1999. **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. II. São Paulo: Ática. p. 5-46

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo, SP: Editora 34, 2013.

SAENGER, Paul. **Space between words**: The origins of silent reading. Stanford University Press, 1997.